



**Comunicação COVID19**  
**Ponto de situação 27 de abril**

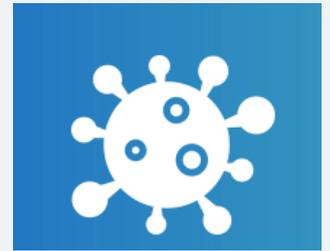
**Segunda, 27 de abril de 2020**

## **INFETADOS CONFIRMADOS**

**24.027** CASOS DE COVID-19

**MAIS 163** CASOS DO QUE ONTEM

NÚMERO DE INFETADOS SUBIU 0,68 %



Na terça há nova reunião no INFARMED, a anteceder a decisão final sobre o estado de emergência. Na quinta, o Conselho de Ministros decide se o país passa à situação de calamidade e o PM anuncia como vai ser feito o desconfinamento.

As reuniões dos bancos centrais do Japão, Estados Unidos e zona euro centram as atenções, numa semana em que prossegue a época de resultados das cotadas nos dois lados do Atlântico.

## **ÓBITOS**

**928 VÍTIMAS MORTAIS**

**MAIS 25** VÍTIMAS MORTAIS (+2,76%)

NORTE-536

CENTRO-191

LISBOA E VALE DO TEJO-179

ALENTEJO-1

ALGARVE-12

AÇORES-9

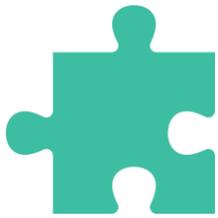
MADEIRA-0

1.357 CASOS DE RECUPERAÇÃO

5.091 AGUARDAM RESULTADOS

237.571 CASOS SUSPEITOS DESDE 1 DE JANEIRO

995 INTERNADOS (4,14%) / 176 UCI (0,73%)



## MANCHETES, DESTAQUES E PRIMEIRAS PÁGINAS DA IMPRENSA



**Alunos do 11.º e 12.º na escola a 18 de maio e creches abertas a 1 de junho.** Lares. Há utentes a “desistir da vida” e funcionários ostracizados. Fisco - Crise leva UE a avaliar “paraísos fiscais” domésticos. Porto. Pandemia expõe drama da mendicidade. Coreia do Norte - Kim desaparecido reaviva debate sobre sucessão **(Online)**- Estado de calamidade dá todo o poder ao primeiro-ministro. Esta medida de exceção não depende do Presidente da República nem da Assembleia da República. É aprovado em Conselho de Ministros. África: um continente de respiração suspensa à espera de ventiladores. Covid-19: Berlim diz que China pressionou Governo para elogiar a sua resposta à pandemia. Portugal soma 1,04 casos de contágio em média por cada doente infetado. 30% dos contágios ocorreram em casa, na coabitação com doentes infetados. Bloco junta 90 especialistas online durante três dias em busca de propostas para vencer a crise. FPF ainda não assume conclusão da Taça de Portugal. Cientistas afirmam ter desenvolvido um revestimento antiviral que pode proteger superfícies até 90 dias. O revestimento, aprovado para utilização oficial e coletiva em fevereiro, deverá chegar às lojas, primeiro de Hong Kong, no próximo mês de maio.



**(Edição) Covid-19. Da emergência à calamidade. A semana de todas as decisões.** Há empresas de crédito ao consumo a evitar as moratórias. Quem é Kim Yo-Jong? Estoril Open. Estrutura desmontada, prejuízo avultado e a promessa de voltar mais forte. O novo vício da HBO tem que ver com o monstro que há entre nós. “Os nossos heróis” portugueses na luta contra a covid em Nova Iorque. **(Online)** Cada doente de covid-19 transmite a infeção a outra pessoa. Risco subiu. Quem é Kim Yo-jong, a irmã mais nova do líder norte-coreano? Além do fim dos açoites, Arábia Saudita acaba com pena de

morte para menores. Jair Bolsonaro escolhe amigos íntimos para justiça e polícia. Harbin, cidade chinesa com 10 milhões de habitantes, é o novo foco de covid-19.



**Lares de idosos sem plano para visitas - Famílias de utentes ansiosas e preocupadas. Responsáveis recusam abertura imediata.**

Falha na vacinação aumenta risco de surtos de outras doenças. Número de pessoas sem emprego sobe 3300 por dia em abril. Autoridades mandam milhares de condutores para casa. 30% dos contagiados contraem vírus no seio familiar. Gasolineiras aumentam margens de lucro. Aulas presenciais a partir de 18 de maio. Homicida fica livre até ao julgamento. Bruma burlado em 3 milhões por amigo.



**Aulas arrancam no dia 18 de maio e as creches abrem a 1 de junho.**

Desconfinamento. Grandes superfícies retomam atividade no início do segundo semestre. Consumo. Há empresas de crédito a recusar moratórias. Segurança. Três mil pessoas retiradas das praias na sexta e no sábado pelas autoridades. Bombeiros recebidos com palmas. Certificação duplica preço dos produtos. Taça de Portugal. Federação de Futebol passa a bola à DGS.



**Restaurantes não querem abrir com tantas restrições.**

Gastarem dinheiro em termómetros e gel e só poderem ter metade dos clientes não chega para “pagarem” o lay-off que pertence ao Estado. Menus físicos desaparecem e empregados terão de andar de máscara. Transportes públicos voltam a ser pagos. Táxis desesperam com falta de clientes e com medidas de proteção. Cultura. Retrato de um setor em que não vai ficar tudo bem. Pandemia. Os desafios da política para enfrentar o vírus. Coronavírus. Sobe o risco de transmissão de covid-19 em Portugal. Autoeuropa. Produção recomeça hoje, mas ainda a meio gás. O grande auroque. A maior figura rupestre foi descoberta no vale do Côa.



Orientações contraditórias lançam confusão sobre salários. **Travão a fundo nos motores da exportação. Entre as 10 maiores exportadoras só uma diz que manteve níveis de atividade. Do comércio à indústria como os setores veem a impacto da crise. “É preciso trabalhar para voltar a 1 de março de 2020”, Luís Castro Henriques, Presidente do AICEP.** Empresas exigem ao Estado 554 milhões em atraso. As condições dos seguros para cobrirem o teste ao coronavírus. As regras que o turismo tem de cumprir para ter o selo “Clean & Safe”. Obras públicas contratadas ficam-se pelos 60 milhões. **(Online)** Portugal conquista três empresas de serviços que vão criar 250 empregos. A AICEP garante que desde início de março já foram angariados três investimentos para Portugal na área de serviços, que vão criar 250 postos de trabalho. Orientações contraditórias lançam confusão sobre salários. Autoeuropa celebra 25 anos com travo agridoce. Fábrica reabre segunda-feira.



**(Edição)- Avaliação das casas cai pela primeira vez em quatro anos.** Segurança Social vai cruzar dados com Fisco para verificar quebras de faturação dos recibos verdes. Supermercados ajustam-se ao online. Já há entregas em poucos dias. Casas, empresa, telemóveis. Pandemia faz disparar tráfego nas redes. Governo espanhol confirma rendimento mínimo garantido em vigor em maio. Portugal entre países europeus onde turismo mais cai em 2020 com recuo de 40%. AMigos são para as ocasiões. Como a Auchan e a AMI levam compras a quem precisa.



**(Online) Autoeuropa regressa hoje à produção com medição de temperatura através de termómetros infravermelhos e câmaras térmicas.** Portugal entra na semana decisiva como 18.º país do mundo em casos e mortes por Covid-19. Sérgio Rebelo: “É preciso tentaremos evoluir para políticas de ‘smart containment’.” Sophie Wilmès: A primeira-ministra belga por que a Europa suspirava. Marques Mendes: financiamento precisa de um “simplex Covid-19”. Têxteis esperam redução das encomendas em 50%. Alemanha quer direito ao teletrabalho na lei após pandemia. Manipulação no crude? EUA e Reino Unido investigam. Informações privilegiadas sobre negociações entre Rússia e OPEP+ podem ter dado ganhos de

centenas de milhões de dólares com apostas ilegais. Eurodeputada do PSD diz-se “envergonhada com o deputado Rui Rio”.



**(Online)-** CCIP: Mais de 16% não conseguirão pagar salários de abril. Há empresas de crédito ao consumo a evitar as moratórias. Continente comprou 71,3 milhões de produtos nacionais. 6 em cada 10 pessoas admitem “alguma fricção” familiar durante confinamento.

OBSERVADOR

**(Online)- É esta pandemia que vai mudar a História? Ou é o braço de ferro da China com o resto do Mundo? Ensaio de José Manuel Fernandes.** Preços dos combustíveis vão baixar, diz

Partex. O filantropo que ajuda a reparar a imagem da China (Dono da Alibaba). O homem mais rico da China tem feito doações por todo o mundo e criou conta no Twitter para o divulgar. Deborah, a especialista que Trump tornou viral. Nova Iorque já tem plano para reabertura parcial. Marques Mendes: “Tem havido pouca oposição”. Proteção Civil pede a peregrinos que evitem Fátima. Covid-19. Primeiro-ministro visita na segunda-feira fábricas que se adaptaram à pandemia. “Bola p’rá frente!” Empresas que driblam a crise. Vacinas podem não resultar? É “frequente”. Próximo verão na Europa será como regressar a 1970. Carta aberta com 10 medidas para relançar turismo. Como a indústria do vinho está a reagir à pandemia.



**(Online)** Marques Mendes e o 25 de Abril. “Ferro Rodrigues nunca teve um tom de humildade, foi sempre de altivez e arrogância”. Covid-19. Medir ou não a temperatura aos trabalhadores? Sim, diz a distribuição. Clarificação, exigem restaurantes e hotéis. Covid-19. O futuro suspenso dos licenciados que estão a chegar ao mercado de trabalho. FCP pede para adiar entrega de €35 milhões a investidores por um ano. Em 2021 já tem outros €35 milhões para devolver.



Coreia do Norte. Mistério e especulação quanto à saúde de Kim...Brasil. A longa descida ao inferno do Governo de Jair

Bolsonaro...Transportes públicos. Máscaras obrigatórias e até fitas de proteção nos autocarros. Covid-19. Marcelo avalia indultos esta segunda-feira. Estado de Emergência. Número de pessoas detidas por desobediência.



**(Online)**– Oito portugueses, dois dos quais infetados com o novo coronavírus, estão num navio de cruzeiro retido desde janeiro em Nagasaki, no Japão, confirmou à Lusa, no domingo à noite, fonte oficial do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

#### SÁBADO

Coronavírus: Fisco cobra IVA nas chamadas solidárias. Boris Johnson: "Quando tivermos a certeza que a primeira fase acabou, então será tempo de seguir em frente". Diários do coronavírus: vidas em suspenso. "Há muita gente de direita que pensa a economia segundo padrões marxistas" João Pedro Marques, Historiador e romancista. Brad Pitt na pele de Dr. Fauci explica "o que Trump tenta dizer".

#### VISÃO

Covid-19: "Haverá duas ou três ondas de Covid e daqui a um ano 40% ou 50% da população estará infetada", diz especialista. Como a quarentena está a reduzir o crime e a estragar o negócio de gangues, máfias e cartéis.



**Regresso à escola para os alunos do 11º e 12º ano.** António Costa visita a Continental Mabor. Transportes públicos na Área Metropolitana de Lisboa voltam a ser pagos. Criadas novas estruturas de emergência para vítimas de violência doméstica. Ações de à comunidade no âmbito da Covid-19. Mais de 70 associações de jovens em todo o país, estão a desenvolver ações de à comunidade no âmbito da Covid-19. Número avançado pela Federação Nacional de Associações Juvenis, que lançou uma plataforma onde podem ser consultados todos os projetos de voluntariado que estão a ser desenvolvidos de Norte a sul do país. Inquérito da DECO Proteste. Quase 60% da população ativa portuguesa está a sofrer uma redução de rendimentos devido à perda de emprego ou à diminuição do trabalho, como consequência da pandemia.



**Reabertura das escolas.** Transportes públicos de Lisboa vão deixar de ser gratuitos a partir de maio. Bancos com balcões abertos vão exigir o uso de máscara aos clientes. TAP quer regressar à normalidade possível. Marcelo Rebelo de Sousa vai avaliar hoje indultos a reclusos. Dentistas em risco de falência em série. "Só não estamos parados, porque dor de dentes não faz quarentena".

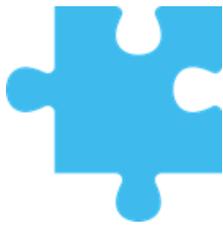
**ANTENA 1** **Reabertura das escolas. Reabertura das creches. Inquérito: empresas dizem que chegou o tempo de retomar a atividade económica.** Chega de restrições, as empresas dizem que chegou o tempo de retomar a atividade económica, o inquérito realizado pela Câmara de Comércio e Indústria portuguesa, revela que a esmagadora maioria dos empresários nacionais é favorável ao levantamento das medidas que têm provocado o estrangulamento das vendas e a quebra das receitas. Voos da TAP -O próximo mês promete ser determinante para a TAP. O setor da aviação tem sido um dos mais atingidos por esta crise, mas a companhia aérea portuguesa deve começar a aumentar o número de ligações aéreas na 2ª quinzena de maio. António Costa e Silva: queda do preço do petróleo veio para ficar. Idas ao banco passam a obedecer a novas regras. Em pelo menos 2 instituições bancárias, passa a ser obrigatório o uso de máscara, os clientes do Santander ou do Millennium BCP só podem ser atendidos se estiverem protegidos com este material.

### **Confinamento é para manter diga o que disser a Constituição.**

*"Aquilo que nós sabemos é que é nosso dever ter estas normas de afastamento uns dos outros, usar as máscaras quando estamos em proximidade, porque isso é um risco, diga a Constituição o que diga, haja ou não haja estado de emergência", António Costa, PM. 27 de abril de 2020*

## A PANDEMIA NA EUROPA E NO MUNDO

- há quase três milhões de casos pelo **MUNDO**.
- **EUROPA** registou, no domingo, o menor número de mortes diárias de há semanas.
- **ESPANHA**. Há mais 100 mil pessoas já recuperaram da covid-19 no país. Morreram 331 pessoas nas últimas 24 horas. No total, são já 23.521 vítimas mortais.
- **ITÁLIA** regista número de mortes mais baixo desde 14 de março, elevando o total de vítimas mortais pelo novo coronavírus para 26.644.
- **FRANÇA** regista 242 mortes em 24 horas e total supera os 22.800 óbitos.
- **ALEMANHA** regista mais de 155 mil casos e 5.750 vítimas mortais.
- **REINO UNIDO** regista mais 413 mortes, menor aumento desde março.
- **EUA** registam mais 1.330 mortos nas últimas 24 horas. No total, 54.841 pessoas morreram nos Estados Unidos.
- **BRASIL** com 4.205 mortos e 61.888 casos desde início da pandemia.
- **CHINA** regista três novos casos e um morto nas últimas 24 horas.
- Número de novos casos recua na **BÉLGICA**.
- Número de mortos em **ÁFRICA** sobe para 1.423 em quase 32 mil casos.
- **RÚSSIA** ultrapassa China no número de casos infetados.
- Primeira-ministra da **NOVA ZELÂNDIA** dá batalha como vencida.



## FRASES DO DIA

**“O Estado de Calamidade não pode suspender direitos”**, Vital Moreira, Professor de Direito Constitucional.

**“Nunca houve processo tão simplificado” como os apoios ao combate à Covid-19**, Pedro Siza Vieira, Ministro da Economia.

**“Descobrimos agora que os dois caminhos por onde o medo se naturalizou foram o frenesim da comunicação e a deslocação da política para o espetáculo.”**, Francisco Louçã, Economista, Conselheiro de Estado.

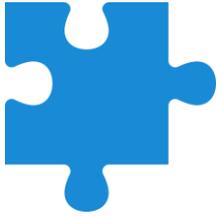
**“A afirmação da política como culto exige uma tecnologia que viabilize a devoção e a submissão, as normas de uma obediência. E ela está disponível”**, Francisco Louçã, Economista, Conselheiro de Estado.

**“Eram tantos a berrar ‘chega de Estado’ e agora é vê-los a virarem-se para o Estado e a dizer: ‘Ó papá, salve-nos!’”**, D. Januário Torgal Ferreira, Bispo emérito das Forças Armadas e Segurança.

**“Quero enfatizar que, muito frequentemente, uma vacina promissora não produz uma resposta imunitária forte. E pode não produzir uma resposta imunitária em toda a gente”**, David Nabarro, médico especialista em saúde pública e representante da OMS para os assuntos relacionados com a Covid-19.

**“Setores judicial e policial estão infiltrados por redes criminosas”**, Ana Gomes, ex-Deputada no Parlamento Europeu.

**“São pessoas de profissões muito, muito diversas. Desde os motoristas de taxi ou de Uber, pessoas que trabalham em ginásios, fisioterapeutas, dentistas, trabalhadores de circos ambulantes, feirantes, cabeleireiras, manicures, pessoas das profissões ligadas ao turismo. E aquilo que temos hoje é um grande número de pessoas que, de repente, não têm qualquer rendimento ou remuneração.”**, Isabel Jonet, presidente do Banco Alimentar.



## ARTIGOS SELECIONADOS

### O CALCANHAR DE AQUILES DAS VACINAS MAIS PROMISSORAS

A ideia de uma vacina é obrigar o organismo a reagir como se estivesse de facto a ser invadido por um agente estranho, mas sem causar doença — neste caso, a provocada pelo vírus SARS-CoV-2. Segundo Pedro Madureira, investigador do Instituto de Investigação e Inovação em Saúde (i3s), quando o organismo é exposto a um agente infeccioso pela primeira vez, a resposta do sistema imunitário é muito mais lenta.

“Durante esse período, o sistema imune cria memória daquelas moléculas do vírus. Por isso, numa segunda infeção, o sistema imunitário reconhece moléculas do agente infeccioso e a resposta já é quase imediata”, descreve o imunologista. É esse tipo de memória que as vacinas pretendem e tentam aumentar, obrigando o corpo a contactar o vírus atenuado ou mesmo já desativado — isto é, modificado em laboratório para ser incapaz de causar qualquer doença, ou então apenas com sintomas ligeiros.

A maior parte das vacinas que estão a ser desenvolvidas neste momento têm como alvo as proteínas na superfície do SARS-CoV-2, que lhe dão um aspeto coroadado (comum a todos os coronavírus, que por isso ganharam o nome) e permitem a entrada nas células humanas. “Em vez de se usar o vírus todo, usam-se as proteínas do vírus. O nosso organismo vai detetar essas proteínas, considerá-las estranhas, atacá-las e criar memória contra elas. Se mais tarde o vírus infetar,

o sistema vai lembrar-se daquelas proteínas e responde rapidamente”, explica Pedro Madureira.

Essa é a estratégia da vacina chinesa, desenvolvida pela Sinovac Biotech. Em vez de utilizar o novo coronavírus para produzir a solução, os cientistas estão a trabalhar com outro vírus, da família dos adenovírus, que se saber ser inofensivo para a saúde humana. “Muda-se geneticamente esse vírus para expressar à superfície a proteína que o novo coronavírus usa para infetar as nossas células. É como se usassem apenas a proteína, mas utilizam este outro vírus como vetor”, descreve o imunologista.

Outra vacina com um modo de funcionamento semelhante a este é a desenvolvida pela Universidade de Oxford com a farmacêutica italiana Advent Srl, um projeto financiado pelo governo britânico. Desde quinta-feira que um total de 500 voluntários com entre 18 e 55 anos já estão a receber esta vacina, que utiliza um adenovírus modificado para conter a proteína que o SARS-CoV-2 usa para infetar as células, obrigando o corpo a reconhecer e atacar essa mesma proteína. Esta técnica tem um problema, porém: se o vírus sofrer uma mutação nessa proteína, a vacina da Sinovac Biotech ou da Universidade de Oxford deixam de fazer efeito porque “o sistema imune reconhece uma proteína de uma determinada forma”: “Se o vírus tiver essa proteína de outra forma, é como se fosse a primeira vez que é infetado, não a saberá reconhecer”, prossegue Pedro Madureira. E isso significará que as vacinas ficarão sem eficácia ainda antes de estarem no mercado, ou pouco tempo depois.

Os estudos em torno do SARS-CoV-2 provam que é muito estável globalmente, mas que há determinadas zonas do vírus que têm uma taxa de mutação relativamente alta, na ordem dos 40%. E a proteína que tem na superfície, a tal que serve como chave para desbloquear a entrada nas células humanas, é precisamente uma delas, alerta o imunologista: “Se olharmos para locais específicos, a probabilidade de mutação pode ser maior. Por isso, direcionar uma vacina para zonas muito reduzidas do vírus pode ser uma desvantagem”.

Depois, há a vacina da norte-americana Moderna. Esta solução também não utiliza a totalidade do novo coronavírus, mas apenas a informação genética referente à proteína com que ele entra nas células. “Quando esse ARN entra no nosso organismo, as células dendríticas, muito importantes na ativação do sistema imune, vão captá-lo e produzir as proteínas do vírus”, descreve o investigador português. É o que acontece quando há uma infeção real pelo SARS-CoV-2, que obriga a célula a replicar a sua informação genética.

É a mesma técnica adotada pelo Instituto Paul Ehrlich – a entidade federal alemã de vacinas e biomedicina – e pela biotecnológica BioNTech. Em comunicado emitido na quarta-feira, que dá luz verde aos ensaios clínicos em humanos, o instituto explicou que a vacina contém o ARN referente à proteína na superfície do novo coronavírus e que a ideia é ensinar o corpo a reconhecer essa informação genética. Como utilizam apenas este pedaço da informação genética, estas vacinas não provocariam qualquer sintoma da doença.

Mas o problema é que também existe a possibilidade de nem sequer estimularem o sistema imune a reagir àquele invasor porque “o organismo pode não

reconhecer o ARN como sendo estranho ao corpo”, concretiza Pedro Madureira. Aliás, historicamente, as vacinas baseadas em ADN ou ARN não costumam funcionar eficazmente em humanos: “Algumas resultaram em modelo animal, mas falharam quando foram aplicadas a pessoas”. E mantém-se o problema das mutações: se essa informação genética mudar, a vacina torna-se inútil. E em muito pouco tempo.

(...)

Fonte: Observador

### **COVID-19. DAS DEZ MAIORES EMPRESAS EXPORTADORAS NACIONAIS, SÓ A REPSOL POLÍMEROS NÃO TEVE A PRODUÇÃO AFETADA**

A pandemia irá provocar um tombo significativo nas exportações nacionais – o que, por sua vez, levará a uma queda no PIB. De acordo com o “Jornal de Negócios” esta segunda-feira, das dez maiores empresas exportadoras do país, apenas a Repsol não teve a produção afetada. Todas as unidades da Repsol Polímeros estão a produzir “na sua capacidade nominal”, garantiu ao jornal fonte oficial da empresa, que no ano passado exportou cerca de 500 milhões de euros.

Ao mesmo tempo, quatro das dez maiores empresas exportadoras estão ainda completamente paradas – a PSA, a Petrogal, a Faurecia e a Visteon.

A PSA em Mangualde suspendeu a produção a 18 de março. De acordo com o “Negócios”, a empresa diz já “estar pronta” para retomar a produção “de forma gradual”, mas ainda não definiu uma data. A PSA tem cerca de mil trabalhadores em lay-off.

Com a capacidade de armazenamento quase a atingir o limite, a Petrogal decidiu suspender a atividade das suas refinarias. A Faurecia, fabricante francesa de componentes para o sector automóvel, fechou todas as seis fábricas a 18 de março, colocando mais de 3.700 trabalhadores em lay-off. A Visteon avançou para o lay-off a 23 de março e, segundo o sindicato SIESI, pretende prolongar este regime até 22 de maio.

Das maiores exportadoras, cinco estão a operar de forma condicionada – Autoeuropa, Aptivport, Bosch, Navigator e Continental Mabor.

Até final de março, a produção da Autoeuropa cifrava-se em cerca de 21%, devendo agravar-se para 37% a 40% nos primeiros quatro meses do ano. A Navigator avançou na passada quarta-feira com uma redução de 15% da produção de papel de impressão e escrita devido à queda de encomendas das últimas semanas. A fabricante de pneus Continental Mabor reabriu a 14 de abril mas apenas com metade do pessoal, que troca a cada 15 dias de trabalho.

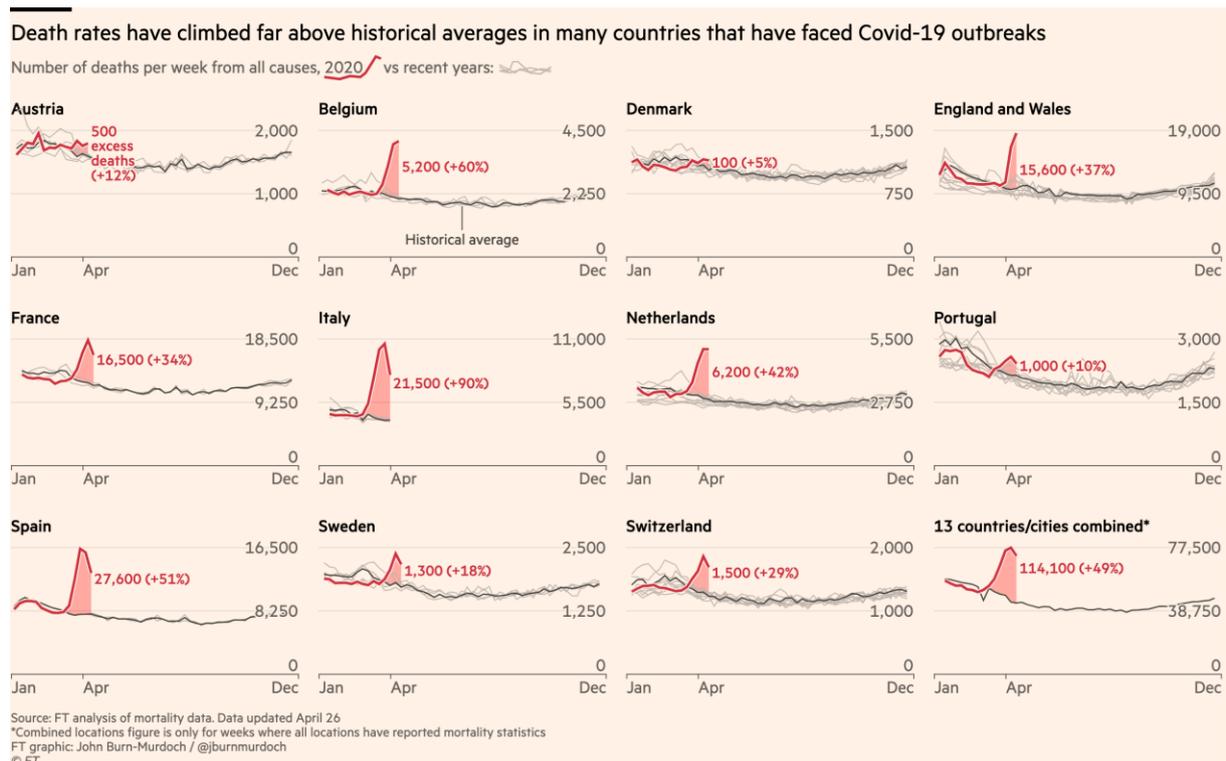
A Bosch retomou, este mês, a produção nas três fábricas que detém em Portugal, que empregam cerca de 5.900 pessoas. Mas na bracarense Bosch Car Multimedia, o efetivo estará em lay-off parcial, com um horário laboral de quatro dias por semana, pelo menos até 23 de maio. “Houve uma quebra de 50% nas encomendas e 78% na faturação mensal”, disse fonte oficial da empresa.

A Aptivport colocou no início do mês os trabalhadores em lay-off, mas, indicou ao “Negócios” o sindicato SITE-CSRA, na fábrica de Castelo Branco desde 20 de abril que regressaram ao trabalho 305 dos 639 funcionários.

Fontes: Jornal de Negócios e Expresso

## O NÚMERO GLOBAL DE MORTES POR CORONAVÍRUS PODE SER 60% MAIOR DO QUE O RELATADO

As estatísticas de mortalidade mostram 122.000 mortes acima dos níveis normais em 14 países analisados pelo Financial Times.



O número de mortes por coronavírus pode ser quase 60% mais alto do que o relatado nas contagens oficiais, de acordo com uma análise do TF à mortalidade geral durante a pandemia em 14 países.

As estatísticas de mortalidade mostram 122.000 mortes acima dos níveis normais nesses países, consideravelmente mais altas que as 77.000 mortes oficiais do Covid-19 relatadas nos mesmos locais e períodos.

Se o mesmo nível de subnotificação observado nesses países estivesse a ocorrer em todo o mundo, o número global de mortos no Covid-19 aumentaria do atual total oficial de 201.000 para 318.000.

Para calcular o excesso de mortes, o FT comparou as mortes de todas as causas nas semanas do surto de um local em março e abril de 2020 com a média do mesmo período entre 2015 e 2019. O total de 122.000 representa um aumento de 50% no total da mortalidade relativa à média histórica dos locais estudados.

Em todos os países analisados, exceto na Dinamarca, o excesso de mortes superou em muito os números oficiais de mortes por coronavírus. A precisão das estatísticas oficiais de mortes por vírus é limitada pela eficácia com que um país está a testar pessoas para confirmar casos. Alguns países, incluindo a China, reviram retrospectivamente o número de mortos pela doença.

De acordo com a análise do TF, as mortes totais aumentaram 60% na Bélgica, 51% na Espanha, 42% na Holanda e 34% na França durante a pandemia em comparação com o mesmo período dos anos anteriores.

Algumas dessas mortes podem ser o resultado de outras causas além do Covid-19, pois as pessoas evitam ir hospitais por outras patologias. Mas o excesso de mortalidade aumentou mais acentuadamente nos locais que sofrem os piores surtos do Covid-19, sugerindo que a maioria dessas mortes está diretamente relacionada ao vírus, em vez de serem simplesmente efeitos colaterais dos bloqueios.

David Spiegelhalter, professor de compreensão pública do risco na Universidade de Cambridge, disse que as contagens diárias no Reino Unido, por exemplo, eram "muito baixas", porque refletiam apenas as mortes hospitalares.

“A única comparação imparcial que você pode fazer entre diferentes países é olhar para todas as causas de mortalidade. . . Há tantas perguntas sobre o aumento que vimos de morte não atribuídas à Covid nos atestados de óbito, mas sente-se que de alguma forma está inevitavelmente ligado à pandemia.”

As mortes extras são mais pronunciadas em áreas urbanas com os piores surtos de vírus e, em alguns casos, sobrecarregaram completamente os mecanismos de notificação. Isso é especialmente preocupante para muitas economias emergentes, onde o excesso total de mortalidade é de magnitude superior às fatalidades oficiais do coronavírus.

O desafio não se limita ao mundo em desenvolvimento. Na Inglaterra e no País de Gales, o número de mortes na semana que terminou em 10 de abril foi o mais alto deste século. O número foi 76% maior que a média da mesma semana nos últimos 5 anos, e o número de mortes em excesso foi 58% maior que o número total de mortes por Covid relatadas no mesmo período.

“Se quisermos. . . [entender] as maneiras pelas quais os diferentes países responderam à crescente pandemia e como ela afetou a saúde da população, a melhor maneira é contar o excesso de mortes”, afirmou David Leon, professor de epidemiologia na Escola de Higiene & Medicina Tropical de Londres.

Especialistas alertaram para a subnotificação de casos de Covid-19 em instalações residenciais para idosos, que são particularmente vulneráveis ao vírus.

"Poucos países parecem estar a testar sistematicamente pessoas em casas de repouso, funcionários e residentes", disse Adelina Comas-Herrera, pesquisadora do Centro de Avaliação e Política de Cuidados da London School of Economics.

Mesmo o número muito maior de mortes na pandemia sugerido por estatísticas de excesso de mortalidade provavelmente será conservador, pois os bloqueios significam que "a mortalidade por inúmeras condições, como acidentes de trânsito e lesões ocupacionais, possivelmente caiu", disse Markéta Pechholdová, professor assistente de demografia na Universidade de Economia, Praga.

Fonte: Financial Times

## **GRUPO DE MATEMÁTICOS PROPÕE CRIAÇÃO DE "ZONAS VERDES" PARA ACABAR COM QUARENTENA**

**Um grupo de matemáticos propõe a criação de zonas verdes, de circulação segura, para o regresso progressivo à normalidade. Cada zona teria a etiqueta vermelha ou verde, consoante os casos de Covid-19.**

Um estudo internacional propõe criar zonas de circulação segura de maneira a acabar com o confinamento. A proposta de um grupo de matemáticos e economistas — citada pela edição espanhola da BBC e originalmente publicada no site The Conversation por dois dos autores — tem por base dois elementos fundamentais. Aposta, em primeiro lugar, na criação de "zonas verdes", ou seja, áreas em que o sistema de saúde está operacional, a taxa de infeção é baixa e os

“riscos futuros parecem ser administráveis”. Uma segunda etapa passa pela anexação progressiva destas áreas.

No estudo impulsionado pelo think tank EsadeEcPol, defende-se que o confinamento que divide a população em “sub-redes desconectadas”, entre as quais o movimento é limitado, tal como acontece em França, está “longe de ser completo”. Ao invés de se aplicar uma delimitação do movimento individual, a proposta é que as pessoas possam movimentar-se entre áreas desconectadas, como países, cidades ou municípios.

Defendendo que a criação de “zonas verdes” tornaria mais fácil a transição à vida normal, argumenta-se que para controlar o inevitável “ressurgimento parcial do vírus” devem ser abertas, em primeiro lugar, zonas que funcionam como “mercados de trabalho locais”. Isto é, zonas onde há um elevado nível de deslocações internas, mas não externas.

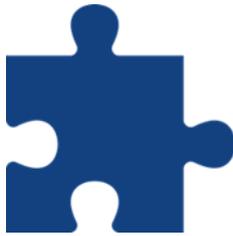
A proposta apresentada remete para que cada nação seja dividida em áreas geográficas, entre 5 mil a 100 mil habitantes, sendo que as divisões devem ter em conta, de maneira a mitigar o impacto financeiro, zonas com as quais se partilham “muitos laços económicos”.

Cada zona teria a etiqueta vermelha ou verde, tendo em conta os casos de infeção por Covid-19. Se nas áreas vermelhas viver-se-ia uma situação similar à do confinamento social, com as respetivas medidas sanitárias e restrições de comércio, nas verdes a vida regressaria progressivamente ao normal, embora viagens para fora dessas zonas fossem restritas.

A etiqueta verde significaria que não tinham sido detetadas novas infeções “durante vários dias consecutivos”. Assumindo um cenário em que, passado aproximadamente uma semana, o vírus está controlado em células verdes vizinhas, estas poderiam estender-se a uma só zona verde. “Desta forma, criar-se-iam zonas verdes cada vez maiores, com as pessoas a frequentarem as mesmas lojas, trabalhos, parques e escolas.” Caso determinada zona voltasse a registar casos de infeção, deixaria de ser considerada verde e regressar-se-ia ao confinamento. O estudo sugere que, seguindo esta proposta, um país como o Reino Unido poderia assistir à reunificação das zonas num espaço de dois a quatro meses.

A definição das zonas, lê-se ainda no artigo, tem de ter em consideração os vínculos sociais e económicos, sendo que este “zoneamento verde” teria também de ter o apoio do público “dado o aumento significativo das medidas de vigilância envolvidas”.

Fonte: Observador.



## OPINIÃO

### **TIMOTHY SNYDER: "ESTOU PREOCUPADO QUE LÍDERES AUTORITÁRIOS LUCREM COM O SOFRIMENTO"**

O historiador americano, autor de "On Tyranny", acredita que o ser humano não pode esquecer que é um animal "e, portanto, está exposto à contração de doenças"

Timothy Snyder, historiador americano, alertou há três anos sobre as consequências da mentira incentivada por Donald Trump como uma forma de governo nos Estados Unidos. A sua obra On Tyranny foi um breviário que alertou sobre os perigos impostos ao jornalismo e à sociedade pela entrada imperiosa do Presidente dos Estados Unidos no reino das notícias falsas. Agora, este livro tem um epílogo dramático nos media e nas consequências políticas da pandemia no mundo. Snyder (Ohio, 50 anos), vestido com uma camiseta da universidade onde ensina, Yale, falou ao EL PAÍS através do Facetime a partir da sua casa em New Haven.

**No seu país, no Reino Unido, no Brasil, por exemplo, a realidade é negada, a verdade é manipulada, como se fosse maleável, como se fosse ficção ...**

O vírus é um exemplo muito claro de que existem verdades científicas de como a natureza opera de acordo com suas próprias regras, e não podemos mudar essas

regras simplesmente não falando sobre elas. No entanto, os seres humanos são muito bons a acreditar em ficções por muito tempo e, às vezes, quando sofrem as consequências de uma ficção, ficam ainda mais convencidos de que a ficção é verdadeira. Portanto, o importante é parar de sofrer, porque os piores líderes autoritários encontram maneiras de fazer com que esse sofrimento funcione a seu favor. Se não enfrentar os fatos, se se dedicar a mentir, consome o tempo que é necessário para salvar vidas. Dezenas de milhares de pessoas morreram nos Estados Unidos e não deveriam ter morrido. Tivemos muito tempo para nos preparar. Poderíamos ter analisado o que estava a ser feito noutros países, mas não o fizemos, porque temos um líder que acredita em bruxaria e não em ciência. Falou de milagres, disse que desapareceria por magia. A realidade acaba por se impor, mas nunca a reconhecem. Como cidadãos, precisamos de lhes relembrar: "Não, o que disse anteriormente foi isto e estava errado, e isso teve um custo". Uma das formas como o autoritarismo funciona é gerar um conforto para a mentira. As pessoas acostumam-se à mentira, a ponto de acharem atraente e esperam que lhes mintam, quando se cai nessa situação, esquecem-se de exigir que lhes devolvam a democracia.

### **Quais são as consequências das manipulações de hoje em termos democráticos e políticos?**

Acho que a democracia está a funcionar. Países como Espanha, Itália e Alemanha, que sofreram grandes impactos da pandemia, tiveram, no entanto, jornalistas que escreveram sobre o que estava a acontecer e tiveram respostas relativamente rápidas da saúde pública. Esta epidemia é má para todos, mas quando se vive

numa democracia, tem-se alguma ideia do que está a acontecer e alguma capacidade de perceber se os decisores estão a ser eficazes ou não no socorro. Tenho a impressão de que, nos países da Europa Oriental, a democracia sairá mais reforçada do que em países como a Rússia ou os Estados Unidos, onde os líderes mentem e a imprensa costuma estar muito condicionada, com impactos na mortalidade. Acho que isso pode ter consequências na suposta atratividade do autoritarismo. A minha inquietação é com a possibilidade de existirem líderes autoritários qualificados o suficiente para capitalizar o sofrimento das pessoas, como está a tentar fazer Trump. Ele não quer que o sofrimento acabe, quer que ele permaneça dentro de certos níveis e para depois o canalizar contra aqueles a quem define como seus inimigos dia após dia. Penso que a pandemia é uma oportunidade para a democracia demonstrar como funciona, mas infelizmente também é uma oportunidade para líderes autoritários qualificados como Trump avançarem com uma política de sofrimento. A política sem utilidade, falta-lhe verdade. A única coisa que conta é a capacidade do líder de decidir quem é culpado e quem é inocente, a quem deve ser assacada a responsabilidade. A política tornou-se uma produção diária de inocência e culpa.

**Há três anos, presenteou o jornalismo, com o livro contra a tirania da mentira.**

**Qual deveria ser o papel do jornalismo em relação à manipulação hoje?**

Esta pandemia mostrou a enorme importância do jornalismo local. Uma das razões pelas quais estávamos tão confusos nos Estados Unidos é que não temos jornalistas locais que possam falar sobre a doença onde quer que ela ocorra. Por exemplo, quando se tratava de Seattle, Washington, não tínhamos repórteres

suficientes para denunciá-lo. Como a doença se espalhou por todo o país, não tivemos repórteres que pudessem relatar todas as pessoas que vieram aos hospitais e o que isso significava. Estamos sempre a reboque, porque não temos repórteres locais. Eu acho que a falta de repórteres locais é muito perigosa para todos os tipos de política, e estamos a constatar isso com esta doença. Os jornalistas servem como banco de memória. Se escrever sobre o que os líderes fazem num determinado dia, pelo menos você tem uma oportunidade de os apanhar quando tentarem reescrever ou apagar a narrativa do que disseram ou fizeram. Essa é uma das poucas coisas que os jornalistas conseguiram fazer com Trump. Eles recordam-lhe a ele, e ao povo americano, que mudou radicalmente o seu discurso. A terceira coisa que os jornalistas podem fazer, e acho que estão a melhorar nisso, é serem defensores firmes dos factos. O New York Times e o Washington Post avançaram nessa direção e acho muito importante. Tem de haver uma componente moral. "Os factos são nosso trabalho, os fatos importam, os factos são objetivos, são importantes para o público, por isso que estamos comprometidos com os factos". É impossível não sublinhar a importância dos jornalistas em tempo de pandemia, quando são que eles permitem a transmissão de informações verdadeiras ao público, e isso, permite que os cidadãos tenham uma perceção da realidade e estejam em condições de exigir dos decisores. Vários estudos mostraram que também é esse é o caminho para controlar a doença. Há um estudo na revista médica britânica "The Lancet", de 2019, que destaca que a transparência ajuda a controlar as doenças. Mas a transparência não vem por si só, é algo em que os jornalistas precisam trabalhar.

## **Fala das instituições como guardiões da decência. A decência está em risco?**

É claro que a decência está em risco. É muito triste ver instituições em todo o mundo, que já tiveram uma reputação sem mácula, seja o Supremo Tribunal Polaco ou o Supremo Tribunal Norte-Americano tronearem-se terrivelmente politizados e perdem o respeito que outrora tinham. É uma deriva muito significativa que o autoritarismo corrompa as instituições. Por exemplo, o Departamento de Justiça dos Estados Unidos, do qual estávamos orgulhosos até recentemente, foi corrompido de alto a baixo. É dirigido por um homem, William Barr, que não acredita no sistema jurídico. Dito isto, não podemos prescindir das instituições. Precisamente porque o autoritarismo as corrompe, temos de fazer o possível para defendê-los. Além de proteger as instituições, também é importante construí-las. Esta doença levar-nos-á a novas coligações, fomentará novos relacionamentos que não existiam e, quando passar, ou quando a tivermos controlado, algumas dessas coligações e relacionamentos nos ajudar-nos-ão a criar novas instituições e novas formas de sociedade civil. A razão pela qual as instituições nos ligam à decência é que elas nos permitem ficarmos juntos, nos criarmos regras, criarmos padrões de comportamento ao longo do tempo. Mais do que nunca isso será importante. Temos de resgatar as instituições que ainda temos e, de seguida, pensar criativamente para construir novas instituições.

Fonte: El País

## **CORONAVÍRUS: CINCO RAZÕES PARA ESTARMOS OPTIMISTAS**

### **1. A COVID-19 está monitorizada ou sob controle em muitos países**

O valor de  $R_0$  – o número médio de pessoas infectadas por alguém com a doença – era de cerca de 3 quando a pandemia começou. Agora, está abaixo de 1 em muitos países e provavelmente também no Reino Unido. Isso significa que a doença está sob controle e em declínio. Mesmo que ainda haja um longo caminho a percorrer para eliminar esta doença, não devemos subestimar essa conquista e o que ela significa. Se isso não tivesse acontecido no Reino Unido e em outros lugares, os problemas atuais com EPI, ventiladores e leitos hospitalares, sem mencionar o sofrimento pessoal, teriam sido minúsculos em comparação. Em vez disso, nossos hospitais operam amplamente dentro da capacidade, mesmo que tenha havido pontos de pressão em vários locais em momentos específicos.

## **2. Isso foi alcançado por todos nós abandonando temporariamente nosso modo de vida**

Isso pode não parecer algo positivo, mas, dadas as profundas divisões existentes na sociedade britânica – mais profundamente ilustradas em todo o Brexit –, é notável ter testemunhado essa unidade de ação que seria impensável apenas alguns meses atrás.

Eu não acho que nenhum cientista comportamental tenha previsto o quanto todos nós reunimos para superar essa doença. A rápida transição para uma estratégia de distanciamento social tem sido um imenso sucesso, mesmo que tenha sido difícil. A observação das condições sociais de distanciamento e bloqueio tem sido amplamente apoiada pelo público do Reino Unido.

## **3. Agora sabemos muito mais sobre como lidar com esta doença**

Para um vírus que nunca sabíamos que existia há cinco meses, graças a um enorme esforço para coletar dados nos bastidores, agora o conhecemos quase molécula por molécula. Por mais que desejemos uma vacina e testes úteis, temos métodos para controlar o COVID-19 que sabemos agora que podem funcionar.

Também sabemos muito mais sobre os tipos de desafios que temos pela frente. Por exemplo, podemos prever um ressurgimento da doença no inverno. Por mais problemático que seja, podemos, se tivermos a vontade de fazê-lo, manter o COVID-19 sob controle, mesmo sem uma vacina e testes. Essa não é uma conquista pequena.

#### **4. Aprendemos a agir em uníssono em escala global massiva**

A resposta global ao problema significativo do COVID-19 foi notável. Evitou um desastre para a humanidade e sugere que temos a capacidade organizacional de enfrentar os realmente grandes problemas que as pessoas e o planeta enfrentam.

#### **5. Sabemos muito mais sobre nossas vulnerabilidades e como gerenciá-las**

Países individuais estão aprendendo fazendo. No Reino Unido, continuaremos nos adaptando e flexionando ao "novo normal". A modificação da política de distanciamento social precisa ocorrer e, ao mesmo tempo, é informada por um conhecimento confiável sobre o quanto qualquer mudança tende a empurrar o valor de  $R_0$  de volta para 1.

